

#75

Abril 2026

LUGAR COMUM

Estudos de mídia, cultura e democracia

Lugar Comum — Estudos de mídia, cultura e democracia
ISSN 1415-8604

n. 75

abril de 2026

Dossiê

Resistências Democráticas na aceleração da história

LABTeC/UFRJ · Rede Universidade Nômade

ISSN 1415-8604
Publicação vinculada ao Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/UFRJ,
com apoio de professores e pesquisadores da Rede Universidade Nômade.

Av. Pasteur, 250 – Campus da Praia Vermelha
Escola de Serviço Social, sala 33
22290-240 Rio de Janeiro, RJ

Editores deste número — abril de 2026
Carolina Salomão, Giuseppe Cocco e Felipe Fortes

Editores
Alexandre Mendes (UERJ)
Barbara Szaniecki (Esdi/UERJ)
Bruno Cava (Universidade Nômade)
Carolina Salomão (LabTeC/UFRJ)
Cecília Paiva Neto (LepSot/UFRJ)
Clarissa Naback (Universidade Nômade)
Felipe Fortes (UFRJ)
Giuseppe Cocco (UFRJ)
Luiz Felipe Teves (UERJ)
Murilo Duarte Costa Corrêa (UEPG)
Regina Teixeira (LepSot/UFRJ)
Vladimir Sibylla Pires (UNIRIO)

Conselho Editorial — Nacional
Alexandre do Nascimento – FAETEC
Andrea Lampis – USP
Ana Cristina Teodoro da Silva – UEM
Bruno Tarin – UFF
Clarissa Moreira – UFF
Fabricio Toledo – Rede Universidade Nômade
Gerardo Silva – UFABC
Laila Sandroni – UNIFESP
Jeinni Kelly Pereira Puziol – UEM
Márcio Taschetto – UPF
Mariângela do Nascimento – UFBA
Marcio Pereira – UFC
Priscila Pedrosa Prisco – UFF
Rita Veloso – UFMG
Rogelio Casado – *in memoriam*
Silvio Pedrosa – Rede Universidade Nômade
Salvador Schavelzon – UNIFESP
Sindia Santos – UERJ
Silvio Munari – Rede Universidade Nômade
Talita Tibola – UERJ

Conselho Editorial — Internacional
Alain Bertho – MSH Paris Nord (França)
Annalisa Murgia – Università degli Studi di Milano (Itália)
Ariel Pennisi – UNA (Argentina)
Carlos Restrepo (Colômbia) – *in memoriam*
Gabriella Alberti – University of Leeds (Reino Unido)
Michele Collin – CNRS (França)
Oscar Garcia Agustin – Aalborg University (Dinamarca)
Oscar Vega Camacho – La Comuna (Bolívia)
Raluca Soreanu – University of Essex (Reino Unido)
Santiago Arcos – Uninómada (Chile)
Thea Pitman – University of Leeds (Reino Unido)
Thierry Baudouin – CNRS (França)
Valter Zanin – Università di Padova (Itália)
Yann Moulier Boutang – UTC (França)

Sumário #75 · abril 2026

Universidade Nômade

Viagem ao centro da Terra 5
Barbara Szaniecki e Laurence Allard

American First: lutas e soberanias no mundo pós-império 12
Giuseppe Cocco e Felipe Fortes

Rede Moitará

Da percepção à realidade: reflexões acerca da Inteligência Artificial no cenário brasileiro 36
Andre Dantas

A dramática do discurso verdadeiro na relação entre parresía político e democracia 46
Ryan Augusto Lima da Silva e Alexandre Fabiano Mendes

Estrutura, Complexidade, Contingência e os novos regimes de objetividade 64
Eduardo Barros Mariutti

Das latitudes equatoriais e além: por uma cosmovisão antropofágica 93
Bruno Fabri

A TV Universidade da UFMT e o Papel da Programação Cultural na Resistência Midiática Regional 123
Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini

Núcleo Temático *Resistências Democráticas na aceleração da história*

Creolização, multilinguismo e migrações. O pensamento arquipélago de Édouard Glissant 143
Leonora Corsini

Um outro devir-negro do mundo: anticapitalismo e lutas antirracistas 154
Murilo Corrêa

Iniciativas Antirracistas na Tecnologia 169
Laís Xavier

Os levantes populares e os sentidos contemporâneos de democracia 186
William Rebouças

O dispositivo biopolítico da neutralização do antagonismo 215
Matteo Allegrezza

Da guerra à democracia: sobre a contemporaneidade da transformação do pensamento de Michel Foucault 248
Luiz Felipe Tevez

O Retorno do Fora na Crise da Globalização: Linhas de Fratura e Lutas Algorítmicas no Cérebroceno 273
Felipe Fortes e Giuseppe Cocco

Navegações

Da Ucrânia à Venezuela: O fim do início de uma mutação histórica 302
Claudio Sergio Ingerflom

Resenhas

A história da inteligência artificial em Alessandro Aresu: uma epopeia de mentes brilhantes e disputa hegemônica entre Estados Unidos e China 312
Alice Niffoi

Moitará

Da percepção à realidade: reflexões acerca da inteligência artificial no cenário brasileiro

Andre Dantas

Andre Dantas — *Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT).*

Resumo

O texto discute a Inteligência Artificial (IA) como um instrumento de poder, destacando que, apesar de seu potencial transformador, sua adoção envolve riscos sociais, econômicos e políticos, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. A partir de uma perspectiva crítica, o trabalho problematiza a euforia tecnicista em torno da IA, que tende a ocultar impactos como o aprofundamento das desigualdades, o desemprego e a concentração de poder das *Big Techs*. Para essa reflexão, o trabalho dialoga com a Teoria da Interface de Percepção proposta por Hoffmann (2019) e a fala do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre os impactos sociais da IA no Brasil.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Desemprego. Desigualdades sociais. Teoria da Interface de Percepção. Luiz Inácio Lula da Silva.

1. Introdução

A Inteligência Artificial (IA) configura-se, de modo incontestável, como um instrumento de poder. Embora ofereça inúmeras possibilidades de aplicação, seu aproveitamento pleno exige soluções responsáveis e um debate contínuo acerca de seus impactos sociais.

Inevitavelmente, estamos sujeitos à imprevisibilidade das profundas implicações sociais, políticas e econômicas associadas ao tema, sobretudo em países em desenvolvimento, onde os desafios estruturais tornam ainda mais complexa a adoção segura e equitativa dessas tecnologias.

A euforia excessiva em torno da IA muitas vezes desvia a atenção de questões ainda sem resposta e que podem comprometer a viabilidade política, econômica e social das nações. A realidade dos países em desenvolvimento é uma questão chave a ser debatida tendo em vista que a adoção desmedida de tecnologias tende a ampliar as desigualdades sociais.

No Brasil, tem-se ampliado investimentos públicos e privados em pesquisa, inovação e formação de profissionais na área. Apesar desses avanços, persistem obstáculos significativos tendo em vista que a capacidade de investimentos ainda é muito reduzida comparada a outros países.

A baixa maturidade tecnológica de grande parte das organizações, a carência de infraestrutura digital e a dificuldade de transformar pesquisa acadêmica em inovação aplicada são apenas alguns desafios. Além disso, o debate sobre ética, privacidade e governança da IA no Brasil ainda se encontra em consolidação, especialmente diante da necessidade de regulamentações mais claras e alinhadas às diretrizes internacionais.

Nesse contexto, este trabalho propõe uma reflexão sobre a realidade brasileira, na qual a concentração de renda, as desigualdades sociais, desemprego e a pobreza permanecem como um dos desafios mais profundos do país. Esses temas, contudo, são pouco debatidos pelos entusiastas da IA, que tendem a impor uma visão futurista segundo a qual máquinas supostamente superdotadas de conhecimento autônomo seriam, por si só, suficientes para promover o avanço da humanidade.

2. Procedimentos metodológicos

As reflexões propostas neste trabalho são reflexos das leituras realizadas na disciplina Estudos Críticos em Informação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Propõe-se uma reflexão a partir da fala do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a respeito da IA. Como pano de fundo, toma-se como referência o

trabalho de Hoffman (2019), que sugere a Teoria da Interface de Percepção, desafia o realismo ingênuo e questiona o realismo físico.

Parte-se do pressuposto que existe uma euforia ingênua que toma conta de cientistas e especialistas em tecnologia que tendem a acreditar que a IA, a longo prazo, será capaz de promover avanços sustentáveis e melhorar a qualidade de vida da população, sem que haja, contudo, um olhar social crítico e aprofundado sobre os impactos concretos dessa tecnologia nas desigualdades, relações de trabalho e nos grupos socialmente mais vulneráveis.

Contudo, transparência, responsabilidade legal, privacidade, soberania digital, riscos de dependência tecnológica, mudanças no comportamento social e nos padrões de consumo, automação do trabalho, desemprego e competitividade entre países são apenas alguns dos muitos desafios que envolvem a IA e produzem impactos sociais profundos e de grande alcance.

3. O conto da IA

No conto clássico do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, "A nova roupa do Imperador", aproveitando-se da vaidade do rei, tecelões charlatões fingem produzir uma roupa mágica invisível aos tolos. O rei, mostrando superioridade, compra a ideia e resolve desfilar pelas ruas do seu reino. Temendo parecer ignorantes, os súditos fingem admirar o traje inexistente durante o desfile. Apenas uma criança, livre das pressões e convenções sociais, revela a verdade: "Mas ele está nu!".

Este conto dialoga diretamente com os tempos atuais e estimula um olhar crítico sobre as distintas percepções de realidade que permeiam os debates sobre IA no mundo moderno. Essas percepções alimentam um campo de disputa de narrativas e colocam em xeque os diferentes interesses que moldam a compreensão e o uso dessas tecnologias.

De um lado, as *Big Techs* sustentam a ideia de que a inteligência artificial gera ganhos econômicos significativos, com potencial para reduzir

custos operacionais, elevar a eficiência nos setores industrial e de serviços, impulsionar a inovação contínua e criar novos mercados e modelos de negócios. Esses interesses, no entanto, atendem sobretudo às grandes corporações tecnológicas, que monopolizam e disputam o controle das plataformas digitais em meio ao próprio caos informacional que ajudam a produzir.

> As plataformas foram, portanto, posicionadas como estruturas de mediação social específicas construídas socialmente a partir de uma relação dialética com os vetores sociais de determinação geral e conjuntural do sistema. Ao mesmo tempo, no âmbito do contexto atual de evolução do estágio neoliberal e de avanço do emprego das TICs digitais, as plataformas digitais assumem o papel de mediadoras de cada vez mais atividades sociais, entre elas a de compra e venda da força de trabalho (Martins; Valente, 2022, p. 19).

Para os céticos, esse debate precisa ser ampliado, pois a IA tende a fragilizar a dinâmica econômica dos países, favorece o desemprego, ameaça a classe média, desvaloriza o trabalho qualificado e reforça uma lógica capitalista que desconsidera seus impactos sociais e econômicos.

> IA é uma nova modalidade de artifício dos astutos, dos espertos. Ou, dito em termos mais formais, a IA, como visto, é o resultado mais recente da tendência histórica de subsunção do trabalho (intelectual) ao capital, formal e real. Esse fenômeno, junto à tendência de crescimento do capital constante (trabalho morto) em relação ao capital variável (trabalho vivo) na composição orgânica do capital, gera concomitantemente aumento de produtividade, desemprego e queda na taxa de lucro (Schneider, 2025, p. 49).

Apesar das contradições, é necessário reconhecer que estamos inseridos em um processo evolutivo profundamente orientado por tecnologias inteligentes e pela própria necessidade humana de evoluir e se adaptar a novos tempos. As consequências mais significativas dessa transformação talvez ainda estejam por vir, mas sua origem permanece enraizada no desejo intrínseco da humanidade de progredir.

> A proliferação da tecnologia em ondas é a história do *Homo technologicus* — da tecnologia animal. A ânsia da humanidade pelo aprimoramento — de nós

> mesmos, nosso destino, nossas habilidades e nossa influência sobre o ambiente — alimentou uma persistente evolução de ideias e criações (Suleyman; Bhaskar, 2019, p. 20).

O conto da IA, por vezes apresentado com contornos de ficção científica por parte da literatura da área, acaba silenciando muitos dos problemas enfrentados pelos países em desenvolvimento. Talvez seja hora de voltarmos o olhar para nossa própria realidade, pois a lógica tecnológica juntamente com seus avanços e supostos benefícios para a população, da forma como costuma ser apresentada, pouco contribui para aprofundar o debate sobre questões sociais.

4. Hoffman e a Teoria da Interface da Percepção

Hoffman (2019) traz algumas contribuições para olharmos essa questão. Para o autor, a realidade que percebemos não corresponde à realidade objetiva; o que vemos, ouvimos e sentimos não é uma representação fiel do mundo, mas uma interface evolutiva projetada para maximizar nossas chances de sobrevivência, não para mostrar a verdade.

> A ideia de que nossas percepções nos enganam sobre a realidade objetiva, total ou parcialmente, tem uma longa história. Demócrito, por volta de 400 a.C., afirmou famosamente que nossas percepções de quente, frio, doce, amargo e cor são convenções, não a realidade. Algumas décadas depois, Platão comparou nossas percepções e concepções a sombras trêmulas projetadas nas paredes de uma caverna por uma realidade invisível [Tradução Nossa] (Hoffman, 2019, p. 6).

Hoffmann (2019) propõe a Teoria da Interface de Percepção que, segundo ele, assim como um ícone em um computador não revela a complexidade dos circuitos que o fazem funcionar, nossas percepções funcionam como ícones — simples representações úteis, não descrições verdadeiras da realidade física.

> O propósito de uma interface de desktop não é mostrar a "verdade" do computador, onde "verdade", nessa metáfora, se refere a circuitos, voltagens

> e camadas de software. Em vez disso, o propósito de uma interface é ocultar a "verdade" e exibir gráficos simples que ajudam você a realizar tarefas úteis, como escrever e-mails e editar fotos [Tradução Nossa] (Hoffman, 2019, p. 6).

Hoffman (2019) traz uma reflexão interessante sobre as formas de perceber o mundo. A evolução, segundo ele, favorece a utilidade sobre a veracidade: organismos que percebem o mundo de maneira adaptativa, mesmo que ilusória, têm mais chances de sobreviver do que aqueles que percebem o mundo tal como ele é.

O avanço acelerado da IA, frequentemente apresentado como um marco inevitável do progresso humano, esconde uma realidade menos romântica: seu desenvolvimento é guiado, em grande parte, pelos interesses econômicos e políticos das empresas de tecnologia. As *Big Techs* — Google, Meta, Amazon, Microsoft, Apple e outras — ocupam uma posição estratégica que lhes permite moldar não apenas a tecnologia em si, mas também o debate público sobre o que ela promete e os riscos que supostamente estão sob controle.

Neste sentido, a proposição de Hoffman (2019) nos remete para questões atuais. O autor faz uma provocação ao realismo ingênuo e destaca que somente observar o mundo como o percebemos pode ser uma grande desvantagem. No caso da IA, por exemplo, as narrativas subjetivas criam uma perspectiva ilusória de que a tecnologia tem o potencial para reverter todas as falhas de caráter e de obscuridade da humanidade.

Criam-se narrativas equivocadas, que deixam de lado questões de interesse público que, via de regra, passam despercebidas. A substituição de seres humanos por sistemas automatizados, bem como suas consequências para os países — entre elas, abismos sociais, ampliação de desigualdades e desemprego —, ainda são questões pouco debatidas.

Não se trata aqui de negar o potencial transformador da IA, mas de reconhecer que o rumo atual privilegia a concentração de poder, a vigilância e a rentabilidade, em detrimento de benefícios sociais amplos. A questão

central não é se devemos ou não usar IA, mas quem a controla, quem se beneficia dela, quem arca com os riscos e como lidamos com o desemprego.

5. A realidade brasileira

O Brasil vive uma dinâmica tecnológica marcada por avanços pontuais e desafios estruturais que limitam seu pleno desenvolvimento. Embora o país possua polos de inovação reconhecidos e produção científica relevante, essas conquistas convivem com problemas persistentes: baixa infraestrutura digital em muitas regiões, desigualdade no acesso à internet de qualidade, dependência de tecnologias importadas, falta de investimentos consistentes em pesquisa e desenvolvimento e um sistema educacional que ainda não forma profissionais em número e ritmo compatíveis com as demandas do setor.

> Apesar de as novas tecnologias serem bem-vindas e necessárias, elas provocam inquietudes, principalmente em um país com tantas desigualdades como o Brasil. Estima-se que pelo menos 26 milhões de brasileiros não tenham acesso à internet. Enquanto muitos sequer entendem o que é exatamente a IA, várias áreas do mercado aderem aos avanços, que de um lado trazem economia e eficiência, mas, de outro, enxugam vagas de emprego e criam abismos de acesso (França, 2025, p. 1).

Como resultado, o Brasil segue com potencial elevado, mas enfrenta barreiras que dificultam sua capacidade de competir globalmente e democratizar os benefícios da transformação digital. Recentemente, o próprio Presidente Lula questionou o uso da IA no Brasil bem como suas implicações na geração de empregos.

> "Eu fico muito assustado quando eu vejo matéria nos jornais dizendo que a inteligência artificial pode causar 16 milhões de desempregados. Se é para isso eu não quero. Que coisa é essa que é tão importante e vai causar problema para a sociedade? A nossa inteligência artificial tem que ser inteligente e quer fazer dela uma fonte de fazer como eu a gere emprego e forme milhões e milhões de jovens" — afirmou o presidente (Cravo; Gullino, 2025, p. 1).

A afirmação do presidente expressa uma preocupação legítima com os impactos sociais da inteligência artificial, especialmente no que se refere ao desemprego em larga escala. Ao associar a IA a uma possível ameaça ao trabalho, o Presidente Lula evidencia um temor recorrente em processos históricos de inovação tecnológica, nos quais avanços produtivos tendem a provocar deslocamentos no mercado de trabalho antes de gerar novas oportunidades.

Nesse sentido, a crítica não se dirige à tecnologia em si, mas ao modelo de desenvolvimento e implementação que pode aprofundar desigualdades sociais, principalmente em países em desenvolvimento. Como a criança do conto de Andersen, Lula coloca no centro do debate questões incômodas, que parecem óbvias, no entanto, para os *fortune tellers*[1] passam despercebidas.

> "(A Inteligência Artificial nada mais é do que) a gente ter a capacidade de fazer a coletânea de todos os dados e temos as Big Techs que fazem isso sem pedir licença, sem pagar imposto, e ainda cobra dinheiro e fica rica por conta de divulgar coisa que não deveriam que ser divulgada" — disse (Cravo; Gullino, 2025, p. 1).

A fala de Lula revela uma tensão central do debate contemporâneo e lança um questionamento muito relevante: como conciliar inovação tecnológica com justiça social? Apesar da IA substituir determinadas funções e criar novas formas de trabalho, exigindo do Estado e da sociedade um papel ativo na mediação desse processo, há a preocupação em se debater garantias de direitos, políticas públicas de inclusão, requalificação profissional e mercado de trabalho.

A crítica do presidente Lula dirige-se à adoção acrítica da tecnologia e reforça a ideia de que o progresso técnico só se torna socialmente desejável quando orientado para o desenvolvimento humano e a redução das desigualdades sociais. Ao participar da 5ª Conferência Nacional de Ciência,

[1]Termo em inglês utilizado para pessoas que afirmam prever o futuro.

Tecnologia e Inovação para lançar o Primeiro Plano Brasileiro de Inteligência Artificial, Lula destacou que a inteligência artificial deve ser compreendida não como um ente autônomo ou neutro, mas como um produto de decisões humanas — e, portanto, passível de orientação política e social.

6. Considerações finais

As reflexões propostas neste trabalho evidenciam que há uma disputa de narrativas em torno da IA com diferentes propósitos. Além disso, entende-se que os debates sobre os efeitos da IA no mundo contemporâneo seguem um roteiro futurístico e silenciam questões fundamentais relacionadas à empregabilidade e aos efeitos catastróficos que podem incidir de forma desigual sobre diferentes grupos sociais, especialmente no que se refere à ampliação das desigualdades, à precarização do trabalho e à ausência de regulamentações éticas capazes de orientar o uso responsável dessa tecnologia.

A Teoria da Interface de Percepção proposta por Hoffman (2019) contribui para a análise deste cenário. As *Big Techs* vendem uma "percepção de realidade" que não revela a complexidade das questões que emergem em torno disso. Há um verdadeiro silenciamento em torno do impacto social e do desemprego que essas tecnologias podem ocasionar.

Por outro lado, há uma preocupação com questões que não são exclusivas do Brasil, mas que afetam a maioria dos países ao redor do mundo e, ainda assim, permanecem ocultas no vazio das retóricas futuristas. À semelhança do menino no conto de Andersen, o presidente Lula chama a atenção para essas problemáticas, rompendo com o silêncio que as encobre.

No entanto, no Brasil, persistem inúmeros desafios, especialmente relacionados a questões básicas como saneamento, analfabetismo, qualificação profissional, desenvolvimento e infraestrutura tecnológica. O desafio brasileiro não está em rejeitar a inteligência artificial, mas em definir, de maneira crítica e responsável, os rumos de sua adoção. Somente assim

será possível converter o avanço tecnológico em um instrumento de redução das desigualdades e de fortalecimento da soberania tecnológica, garantindo que os benefícios da inovação alcancem, de fato, toda a sociedade brasileira.

Referências

ANDERSEN, Hans Christian. A *roupa nova do imperador*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CRAVO, Alice; GULLINO, Daniel. *Lula diz que IA brasileira precisa gerar emprego e ser "inteligente"*. Rio de Janeiro: O Globo, 30 jul. 2024. Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/07/30/lula-inteligencia-artificial.ghtml. Acesso em: jul. 2025.

FRANÇA, Valéria. *Para Lula Inteligência Artificial não pode ser privilégio*. Veja, 14 nov. 2025. Disponível em: https://veja.abril.com.br/tecnologia/para-lula-inteligencia-artificial-nao-pode-ser-privilegio/. Acesso em: 14 nov. 2025.

HOFFMAN, Donald. *The case against reality: why evolution hid the truth from our eyes*. New York; London: W. W. Norton & Company, 2019.

MARTINS, Helena; VALENTE, Jonas C. L. As múltiplas mediações do trabalho pelas plataformas digitais: uma visão a partir da economia política da comunicação. *Anais do XVI Congreso de la ALAIC*. Buenos Aires: ALAIC; FADECCOS, 2022.

SCHNEIDER, Marco. *Fascismo zumbi: desinformação, mídias sociais, inteligência artificial e outros histórias de terror do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2025.

SULEYMAN, Mustafa; BHASKAR, Michael. A *próxima onda: inteligência artificial, poder e o maior dilema do século XXI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.